

Antologia de Thiago de Melo



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Sobre o autor

Thiago Gomes de Melo - amante da arte
expressiva

resumo

Vida na tempestade

Um coração na cidade de pedra

Caminho de angústia

Ela e eu na mesma cidade

Amar é desejar

Criança que cresce

Eterno instante

Tu és minha poesia

Sou poeta que nada sei

Suba as escadas

Presente passado

Um sentimento que não sei qual é

Praça e solitude

Outono

Vida na tempestade

Vida no vento, mar agitado; Naveguei sobre as águas do risco e entrei na tempestade da alma.

Procurei sem saber, sem pensar só andei; cai e fiz, fiz acontecer, mas eu andei por ai tão longe da lucidez.

Minha vez é meu hoje tão nebuloso, tão distante, tão real.

Um coração na cidade de pedra

Nessa avenida deserta, eu caminho e penso sobre onde estará ela e o que faz agora.

Alguém poderá dizer que eu não deveria falar sobre tais pensamentos, mas a poesia é mais forte e está em todo lugar.

Onde está o sorriso que encanta e a presença que alegra?

Onde está quem fez o meu coração bater mais forte?

Imagens, sonhos e pensamentos profundos; tomam conta do meu ser, pois assim me permito viver em tempos de devaneio.

Triste cidade de pedra, triste coração que só sabe sentir.

Caminho de angústia

Espinhoso é o caminho do insensato. Não pensar a vida, é permitir a solução do imponderável.

O risco de viver sozinho a dois, a angústia de uma vida fora de lugar e ter o grito preso na garganta que sangra.

Um passo dado ao lugar não encontrado; a gota de chuva daquele passado, se misturou com a lágrima que feriu o meu rosto.

Cada ato, cada escolha, cada maneira de olhar. Leve forte paixão, antecedeu a angústia; vida fora de lugar, vida sob o vento que não sabe para onde vai, vento que sopra e está onde só poderia estar.

A tristeza tem casa e mora bem, alma que clama. Faz morada também o querer; o querer repetir infinitas vezes o instante que não pude eternizar.

Ela e eu na mesma cidade

"Nutro por você, um sentimento que não sei qual é"

Assim eu poderia ter dito, mas acanhado de atitude, preferi me calar.

Angustiado e pensativo, eu observava o tempo passar e a vida correr; as vezes eu a via de longe, as vezes ela nem me via.

Ela e eu na mesma cidade; tão perto, e tão longe.

Amar é desejar

Eu tento me proteger do seu sorriso, eu tento não pensar no seu jeito.

Caminhando tropeço pensando, penso e desejo na falta; o que é o amor se não o desejo na falta, amor pelo que falta.

Amor triste amor de Platão, um saco sem fundo, e no fundo a angústia. Não evito o sentimento que invade. Contemplo detalhes que encantam, eu vejo você neste instante.

Sorriso que encanta, presença que alegra, não me atrevo a falar, mas me entrego a sentir.

Amar é desejar quando não se tem, não tenho então amo. O que faço com isso que mora porque fez casa ?

Quisera eu viajar para o passado e colocá-la em destaque, quisera eu saber amar, saber viver, quisera eu naquele tempo.

Quisera eu viver o meu tempo.

Criança que cresce

A luz do agora, o primeiro choro e os primeiros suspiros.

Como cresce a criança; o primeiro levantar e os primeiros passos.

Cresce a criança que encanta, o brincar, o olhar e o viver. Sorrisos e choros, abraços e tombos. Anoitece e amanhece; tantos dias doce infância; viva vontade de viver sem saber.

Linda criança que cresce, brinca com a terra e contempla o crepúsculo, criança que não sabe e não pode enxergar o futuro, futuro de amor, futuro de dor.

Eterno instante

Não ser, não viver; vida não vivida tão viva aqui dentro. Um instante, uma noite e um beijo; moça dos cabelos cacheados; como sou fraco por não saber sair desse instante passado.

Tu não sabes o quanto existe dentro de um coração que sofre ao sentir; triste coração acorrentado na lembrança de um instante.

Frio e noite em nossa cidade; assim era o instante que mora porque fez casa; um olhar, um abraço, e outra canção; pois tu leste minha alma, e declarei com meus olhos o que havia no meu coração.

Tu és minha poesia

Que saudade de você, como guardo aquele instante; mais de dez anos atrás.

Todo inverno sinto saudade que dói, toda chuva me traz pensamentos.

Chuva que traz gotas do passado, e que caem e me ferem.

Que saudade de te ver passar, que saudade de ver você caminhar.

Lembra daquele breve instante ? lembra do colegial ?

Lembra do antigo bairro que você morava ?

Eu lembro todos os dias; porque te vivo todos os dias, mas você não imagina o quanto penso, o quanto vivo e o quanto morro.

Doce menina dos cabelos cacheados, tu és motivo das minhas canções; tu és aquela que faz meu coração bater tristemente tão forte.

Eu sei que algo te entristeceu, mas não pude enxugar a lágrima que feriu seu rosto, eu estava longe e você chorava.

Tu és minha poesia, tu estás em todos os versos; sei onde estas; mas não me atrevo a nada dizer.

Sou um vento que passou e insiste em voltar a um tempo que foi; mas bem sei que a vida não está mais lá.

Sou poeta que nada sei

Sou poeta que nada sei, só sei o que tanto vivo hoje aos trinta e três.

Gosto do rio, contemplo as águas; como vão, como levam e viajam tão barrentas, não há espelho, não há reflexo para ver meu rosto tão perplexo.

Canto sim, canto só, canto com dor; fatura de saudade neste coração de menino amador.

Linda noite e rua deserta, calçada que testemunhou a partida, um beijo e um olhar de despedida.

Thiago de Melo

Suba as escadas

Pureza, beleza, mochila e cartolina; calçada, noite fria e chuvosa; olhos escuros que me olhavam e delicado abraço; precioso afago.

Um instante apenas, precioso momento; mas que permanece seja dia seja quando anoitece.

Suba as escadas e jamais volte para repetir o instante!

e não diga que gostaria de ouvir minhas canções que para ti foram escritas.

Suba as escadas e jamais desça pra me reencontrar!

Tenha outros planos e que eu morra por dentro condenado a viver compondo tais versos.

Porque quiseste ir para tão longe quando estive tão perto.

Presente passado

O que o poeta sente quando triste pensa; pensa no amor, pensa na dor que outrora viveu, volta ao passado que entende que não morreu.

Morre vivendo e sabendo que a vida não mais está lá; vive a lembrar e sente saudade que dói em tempos de devaneio.

Saudoso instante, lembrança quase constante, doce passado que insiste em ficar no meu turbulento presente onde a vida está.

Passado de vida sem freios, tentei por meus meios e não consegui; quem é essa tal felicidade ?

Nesse plano, nessa cidade; essa tal felicidade está onde a vida está; invisível, impalpável, mas ela está onde só poderia estar.

Meu doce passado que não traz felicidade.

Um sentimento que não sei qual é

Ontem eu gritei o seu nome, ontem passei naquele lugar onde nos vimos pela última vez; era a calçada da rua onde você mora; mas não fui pra tentar te ver ou ouvir sua doce voz que pra mim sempre foi como música; quem sabe foi o universo querendo me dizer o que não ficou claro pra mim.

Assim; perco o ar e minhas pernas tremem; pude ver as escadas, aquelas escadas que vi você subir depois de ter me dito xau.

Tenho medo que me veja e sinto tanta vontade de pelo menos vê-la passar; pois ainda nutro por você um sentimento que não sei qual é.

Praça e solitude

Solitude e praça deserta, contemplo uma árvore sentindo saudade que aperta; Viver é sentir, viver é ir.

Cada página da vida, cada volta, cada ida, cada volta no tempo; nostalgia e sentimento de um valor tardio a uma vida não vivida.

Sou um louco, porque mergulho de cabeça em um instante que a vida não está; estou lúcido nessa loucura de querer voltar a um tempo que foi.

Sou desejante pelo que não há ; abrevio meu presente desejando o instante que não é.

Nesse banco de praça penso a vida e sinto que estou mais velho, penso em outra vida, uma vida que permanece não vivida aqui dentro.

O verde gramado que sustenta meus passos, testemunha meu caminho, e percebe que não tenho pressa de voltar para casa.

Sol que se põe e lua que surge; anoitece e nada acontece, meus dias; minha prece.

Outono

Vento de outono, o que me traz hoje? todas as folhas caídas não varridas, como não varrido estão meus medos, sim; meus medos que tanto me paralisam.

Prudência, eu grito por prudência; não tive, não conheci, não vivi.

Já chorei por amor, já fui adolescente; já feri meus próprios pés.

Conheci gente, conheci anjo, anjo que não ouvi; e por que não ouvi?

Outono outono, sempre vem e nunca mais volta, outono passado tão poético.

Minha estação, meu lugar, minha poesia; vento frio com poeira de onde não sei; limpo os meus olhos esta noite.

Um casaco que seca, outono chuvoso e rua deserta; lúcido lembro, triste entendo minha tal loucura de querer apalpar o outono que foi.

Dias passaram e meu ontem ainda vive; tropeço pensando na neblina que se perpetua.